

FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E CONSUMO NA PERIFERIA DE SÃO PAULO*

SOCIO-SPATIAL FRAGMENTATION AND CONSUMPTION IN THE PERIPHERY OF SÃO PAULO

Maria Encarnação Beltrão SPOSITO

Departamento de Geografia

UNIVERSIDAD ESTATAL PAULISTA | Presidente Prudente, Brasil

Contacto: beltrao.sposito@unesp.br

Resumo

A fragmentação socioespacial é um processo multidimensional e complexo. A polissemia que acompanha a palavra fragmentação, desde a escala internacional, no plano geopolítico, até a escala da cidade, valorizando os aspectos sociais, políticos, econômicos ou culturais, mostra a amplitude do processo, mas, ao mesmo tempo, exige atenção conceitual e metodológica. Neste artigo, analisamos o processo de fragmentação socioespacial no espaço urbano, a partir da perspectiva dos habitantes da periferia, que se estabeleceram e permanecem na ordem espacial do período anterior; o centro-periferia, e enfrentam os desafios de integração e convivência na cidade fragmentada. A base empírica da análise assenta-se em entrevistas realizadas com moradores do bairro de Pimentas, na cidade de Guarulhos, Estado de São Paulo, Brasil. Duas escalas urbanas, a da cidade e a da metrópole, são vistas a partir das escolhas espaciais feitas para o consumo de bens e serviços. A análise contempla as relações entre condição periférica e consumo, entre consumo e centralidade e, por fim, sobre a construção da ideia de centro na periferia.

Palavras-chave: *Fragmentação socioespacial, planejamento urbano, minorias urbanas, consumo, economia*

Abstract

Socio-spatial fragmentation is a multidimensional and complex process. The polysemy that accompanies the word fragmentation, from the international scale, at the geopolitical level, to the scale of the city, valuing the social, political, economic, or cultural aspects, shows the breadth of the process but, also, requires conceptual and methodological attention. In this article, we analyze the process of socio-spatial fragmentation in urban space from the perspective of the inhabitants of the periphery. They settled and remained in the spatial order of the previous period, the center-periphery, and faced the challenges of integration and coexistence in the fragmented city. The empirical basis of the analysis is supported by interviews with residents of the neighborhood of Pimentas, in the city of Guarulhos, State of São Paulo, Brazil. Two urban scales, the city, and the metropolis, are seen from the spatial choices made to consume goods and services. This analysis contemplates the relations between peripheral condition and consumption, between consumption and centrality, and, finally, the construction of the idea of a center in the periphery.

Keywords: *Sociospatial fragmentation, city planning, urban minorities, consumption, economy*

* Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo



Fragmentação socioespacial e consumo na periferia de São Paulo

Este artigo compõe um conjunto de análises que estão sendo efetuadas no âmbito de pesquisa que visa apreender os conteúdos da urbanização brasileira, sob a perspectiva do processo de fragmentação socioespacial.¹ Em um período histórico de expansão das relações em escala internacional, trata-se de processo global ou de urbanização planetária, como propõe Neil Brenner, mas caracterizado por particularidades, quando observamos a realidade latino-americana (Prévôt Schapira, 2001; Sposito e Góes, 2013; Duhau e Giglia, 2016). Para avançar do plano das particularidades latino-americanas para o das singularidades, são estudadas dez áreas urbanas brasileiras – oito cidades médias e dois distritos da metrópole de São Paulo. Sobre um destes distritos, recai a interpretação que desenvolvemos neste texto: trata-se do Pimentas, no município de Guarulhos, na Região Metropolitana de São Paulo. A dimensão empírica eleita para o texto é a do consumo,² o plano analítico é o das relações entre práticas espaciais e cotidiano. Do ponto de vista metodológico, foram feitas 33 entrevistas: 23 com moradores do Pimentas e 10 com residentes em outros distritos ou bairros da cidade. Para os propósitos deste texto, foram selecionados cinco entrevistados, cujas narrativas serão trazidas para o texto.

O artigo está organizado em cinco partes. Na primeira, há reflexões sobre o conceito de fragmentação socioespacial, relacionando-o ao consumo. Na sequência, apresentamos o bairro estudado e os entrevistados que foram selecionados para esse artigo. O consumo, visto a partir da condição periférica dos entrevistados é o objeto da terceira seção. A constituição da centralidade, segundo as narrativas dos entrevistados, é o foco da quarta seção, na qual são enfatizadas as múltiplas escalas em que as suas práticas espaciais ocorrem. Na quinta seção do texto, a ordem centro-periférica é retomada do ponto de vista dos entrevistados, para se mostrar como, em seus cotidianos e suas representações, eles ressignificam o que é central e o que é periférico, na nova ordem urbana.

1 Projeto temático Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos e formas, FragUrb (Processo FAPESP 2018/07701-8).

2 A pesquisa apoia-se também em outras quatro dimensões: habitar, circular, trabalhar e lazer.

Fragmentação socioespacial e consumo

A fragmentação socioespacial é um processo multidimensional e complexo. A polissemia que acompanha a palavra fragmentação, desde a escala internacional no plano geopolítico, até a da cidade, valorizando os aspectos sociais, políticos, econômicos ou culturais, mostra a extensão do processo, mas, ao mesmo tempo, exige cuidado conceitual e metodológico (Sposito e Sposito, 2019). Neste texto, a fragmentação socioespacial é considerada na escala metropolitana, como um processo composto por uma miríade de dinâmicas e transformações, algumas das quais profundas. Elas reorientam as relações entre sociedade e espaço, redefinindo as práticas espaciais e os usos do tempo urbano, levando à superposição, nunca completa, da cidade centro-periférica por uma nova ordem, que Navez-Bouchanine (2002) caracterizou como aquela em que há proximidade espacial, sem necessariamente ocorrer coexistência ou coesão socioespacial entre diferentes grupos e classes sociais.

Tomando a fragmentação como processo e não como fato ou, simplesmente, como cidade fragmentada, atendemos as preocupações levantadas por Capron e González Arellano (2006) “La propuesta de la “ciudad fragmentada” también omite a menudo las acciones de los individuos y se enfoca en agregados. Menos comunes son los trabajos que profundizan en las interacciones espaciales para abordar el aislamiento o la separación socioespacial”(65). Nossa análise busca compreender essa separação com base na fala dos cidadãos que, como sujeitos sociais espaço-temporalmente contextualizados, por meio de suas práticas espaciais vivem e produzem a cidade, num período da urbanização latino-americana em que a lógica espacial centro-periférica é sobreposta pela fragmentária. Essa sobreposição não significa anulação da ordem pretérita pela nova, mas revela um conjunto grande de tensões e contradições que caracterizam a fragmentação socioespacial. Assim, vários cidadãos permanecem vinculados à ordem anterior, a centro-periférica, do ponto de vista habitacional, enquanto, no que se refere ao consumo, objeto deste texto, mas também ao trabalho e ao lazer, têm que se movimentar numa cidade cuja circulação não é aquela do período em que muitas famílias foram morar na periferia e trabalhavam em áreas mais centrais da metrópole, destinadas ao comércio e aos serviços, ou em áreas industriais de outros municípios ou bairros metropolitanos,

obedecendo aos deslocamentos característicos da cidade fordista, em que a dimensão trabalho era o vetor principal.

A ampliação das atividades comerciais e de serviços na periferia, de um lado, e o aumento de formas precárias de trabalho, sem vínculo empregatício, ou mesmo o teletrabalho, de outro, alteraram a ordem pretérita. Isso fez com que os deslocamentos fossem menos concentrados no início do dia (casa-trabalho) e no final dele (trabalho-casa), e se distribuíssem no decorrer dos dias e da semana de modo menos sistemático e frequente, como já havia apontado por Ascher (1995). Essas transformações na estruturação do espaço metropolitano promovem alterações nas práticas espaciais dos cidadãos e são por eles promovidas, cotidianamente, na medida em que buscam enfrentar, a partir da situação geográfica a que estão submetidos, as mudanças que a metrópole vive. Por isso, preferimos a adjetivação socioespacial à urbana para qualificar o processo de fragmentação, visto que ela contempla essa dupla dimensão, a qual está implícita na ideia de urbano, mas que nos parece mais evidente, ao se nomear o social e o espacial, para mostrar que não se pode apreender a fragmentação a não ser que se analisem as relações entre elas.

Tomando o segundo conceito que nomeia essa seção, frisamos que há relativo consenso sobre a ideia de que vivemos numa sociedade de consumo. As práticas a ele associadas são centrais em nossas vidas cotidianas e se constituem em valor que orienta sonhos e identidades, sendo, portanto, um componente importante da vida social contemporânea (Moati, 2016: 14). Evoluímos, a partir do desenvolvimento do capitalismo e, sobretudo, nas décadas que se seguiram a 1950, do consumo que se ampliava, em função do aumento da capacidade de produção, resultante da industrialização plena, à exacerbação do consumo, que Lipovetsky (2006) denominou de hiperconsumo. Este ultrapassa as necessidades e os desejos de se ter acesso a bens e serviços para alcançar o plano das práticas e experiências associadas a ele, vinculando-se à constituição do que Baudrillard (2019) denominou como sistema de objetos. Essa ampliação do consumo e a centralidade que passou a ocupar na vida social sugere a reflexão sobre suas relações com o espaço, considerando-se as particularidades da América Latina, no que tange à urbanização. Em que pese a tendência universal de crescimento do consumo, frisamos que, de modo objetivo ou subjetivo, as formas de constituição das práticas, sejam sociais estritamente, sejam também espaciais, diferenciam-se conforme a formação socioeconômica, as classes sociais e a situação geográfica

que cada cidadão ocupa nas cidades. Ao analisar as relações entre metrópole, espaço público e consumo, Duhai e Giglia (2016) destacam um conjunto de particularidades, a partir do caso mexicano, que se aplicam, guardadas as nuances, para o conjunto da vida urbana latino-americana.

Nas seções seguintes deste texto vamos abordar as relações entre fragmentação socioespacial e consumo, considerando-se as narrativas dos moradores de bairros centrais de Guarulhos, especialmente a dos habitantes do Pimentas. Como os leitores observarão, vamos partir sempre das falas dos sujeitos, tanto para cotejá-las com as análises correntes sobre a ampliação do consumo, confirmando-as ou não, como para tensioná-las com os conceitos, uma vez que, enquanto instrumentos do pensamento que expressam o que é considerado geral nos processos, os conceitos podem ser, também, obstáculos à apreensão de nuances e contradições que são parte dos processos, o que requer esforço contínuo de reconceituação.

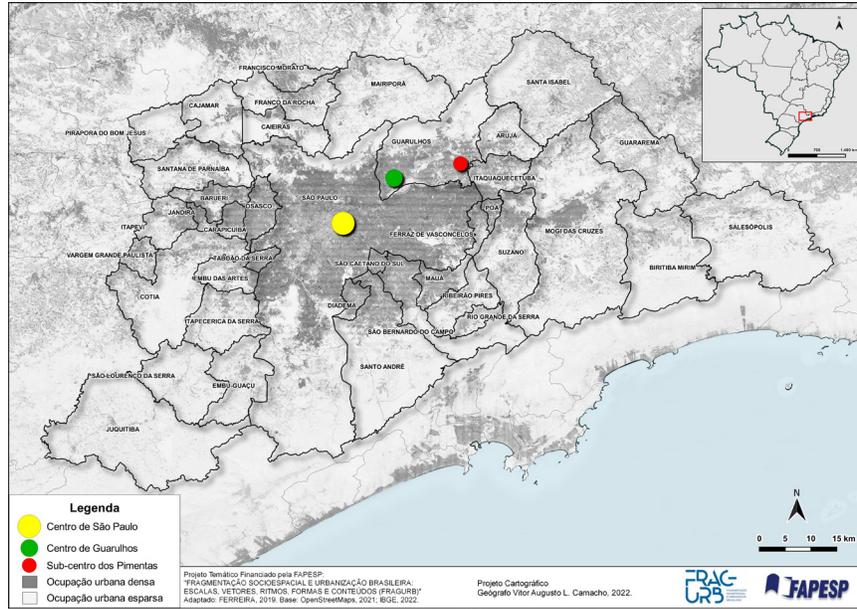
A periferia metropolitana, os sujeitos e suas trajetórias

A região metropolitana de São Paulo tem pouco mais de 22 milhões de habitantes, que estão distribuídos em 39 municípios, representados na Figura 1. São Paulo, centro da metrópole congrega mais da metade dessa população (12.396.372 habitantes) e Guarulhos é seu segundo maior município (1.404.694 habitantes).³ Pimentas é uma entre as onze Unidades de Planejamento Regional (UPR) de Guarulhos. É a UPR mais populosa do município⁴ e é composta de 56 loteamentos, cuja maior parte se implantou entre os anos de 1950 e 1990 (Campos et al., 2014). Esta UPR é, também, chamada de distrito, o qual é oficialmente composto de seis bairros que compõem um conjunto de cerca de 400 mil habitantes. Seja como UPR, seja como distrito ou bairro, os moradores deste território, independentemente da divisão político-administrativo a que se vinculam, identificam-se como do “Pimentas”. Nesse sentido adotam este nome para o bairro, do ponto de vista sociológico e associado à identidade territorial que foi por eles constituída. A UPR está assinalada em vermelho na Figura 2

³ População estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2021.

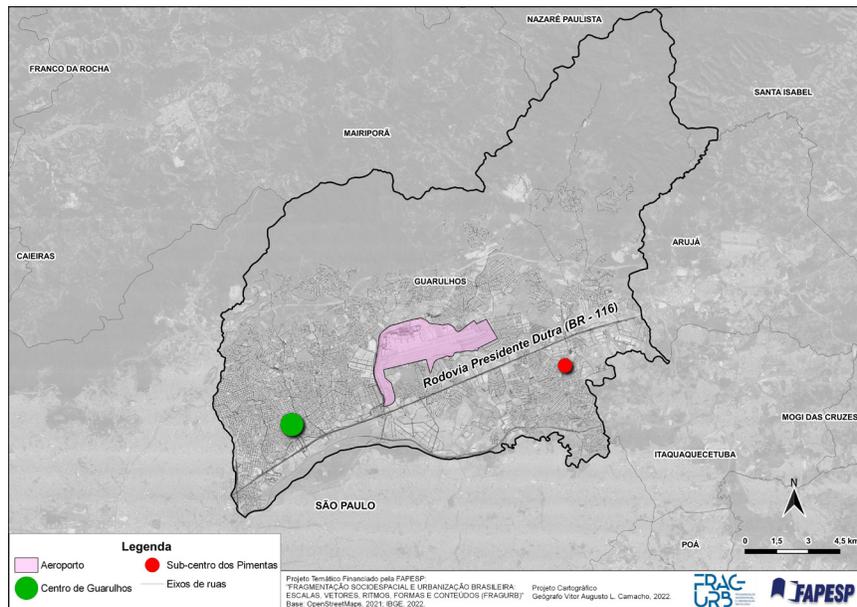
⁴ No Censo Demográfico de 2010, essa UPR tinha 156.748 habitantes.

Figura 1
Região Metropolitana de São Paulo



Fonte: Vitor Augusto L. Camacho

Figura 2
Município de Guarulhos e bairro Pimentas



Fonte: Vitor Augusto L. Camacho

e se encontra separada do centro da cidade de Guarulhos pela imensa área, representada em rosa, ocupada pelo maior aeroporto brasileiro – Aeroporto Internacional de Cumbica – e pela Rodovia Dutra, que liga São Paulo ao Rio de Janeiro. Assim sendo, seus moradores mais que distantes do centro de São Paulo e do de Guarulhos, enfrentam os obstáculos constituídos por esses objetos geográficos que diminuem a acessibilidade deles às áreas de maior concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços, bem como de trabalho. A origem dos 56 loteamentos que compõem a UPR está diretamente associada ao processo de metropolização de São Paulo, conformado sobretudo na segunda metade do século xx, por dinâmicas de expansão urbana associadas à constituição de uma extensa periferia voltada à moradia dos estratos sociais mais pobres, reforçando a estrutura espacial que já vinha se conformando em décadas anteriores, que é do tipo centro-periférica, estando os estratos de maior poder econômico e político em bairros centrais e pericentrais.

Algumas características principais marcam esse padrão de expansão urbana metropolitana, o que, de uma forma ou de outra, repete-se em áreas urbanas menores e menos complexas da rede urbana: a) implantação de loteamentos pela iniciativa privada, alguns ilegais, outros legais, mas irregulares, em que os terrenos são adquiridos e pagos em muitas parcelas, e onde as casas são edificadas ao longo do tempo, principalmente, mas não exclusivamente, em sistema de autoconstrução ou mutirão; b) implantação de conjuntos habitacionais populares, com recursos federais ou estaduais, em que as residências (casas ou apartamentos) já são entregues prontas, as quais também passam por reformas, ao longo do tempo, e, no caso das casas, passam por ampliações; c) formação de assentamentos urbanos irregulares, chamados de favelas ou, por seus moradores, de “comunidades” ou “ocupações”, que resultam da apropriação ilegal de glebas, ainda que legítimas, face à necessidade de solucionar o problema habitacional, as quais, muitas vezes são inadequadas do ponto de vista ambiental, com moradias que são também, no decorrer do tempo, comercializadas (compra e venda ou aluguel); d) inexistência ou inadequação de meios de consumo coletivo (infraestruturas, equipamentos e serviços urbanos), que se implantam lentamente no decorrer do tempo, mas não são suficientes nem para atender com qualidade a demanda, nem para compensar a condição de afastamento socioespacial em que se encontram os moradores da periferia, principalmente no que se refere ao transporte coletivo; e) constituição paulatina de áreas de concentração comercial e de serviços, fortemente

associadas aos nós principais do transporte coletivo, mas também orientadas pela circulação de motocicletas e automóveis, cujo aumento é notório nas duas últimas décadas, compondo subcentros que não foram planejados, mas que se conformam a partir de múltiplos fatores; f) composição de uma paisagem urbana com esse mosaico tipológico, em que prevalecem edificações em ampliação e/ou inacabadas, menor presença de espaços públicos de qualidade para o lazer e alta densidade demográfica.

Trata-se do “padrão periférico de urbanização” (Bonduki e Rolnik, 1982). Se, em países centrais do capitalismo, a expansão urbana é marcada por intensa dispersão do tecido urbano e pela rarefação da densidade demográfica, na periferia latino-americana, produzida para os mais pobres, o processo de desconcentração metropolitana consubstancia-se por meio de novas áreas de concentração, já que a existência de vazios urbanos é parte do processo de expansão territorial das cidades. Assim, Pimentas não pode ser compreendido sem que sejam consideradas a sua situação geográfica e a condição periférica de seus moradores, que remanesce até os dias de hoje, ainda que melhorias tenham sido observadas no bairro. Trata-se inclusive, de uma dupla condição periférica, como apontaram Cruz e Legroux (2021) e Cruz (2022), uma vez que Pimentas compõe a periferia de Guarulhos e a periferia metropolitana.

A seleção das falas dos entrevistados não foi aleatória nem casuística, porque a leitura completa de todas as entrevistas foi realizada para que as opções fossem feitas. Foi orientada pela escolha de alguns sujeitos representativos de um conjunto de entrevistas, tanto quanto outros que, por suas trajetórias e visões, revelam aspectos que não foram mencionados pelos demais, mas que se mostraram relevantes para a análise em tela. Ademais, ainda que de modo secundário, foi considerada diversidade etária e de gênero. Como as falas de um mesmo entrevistado comparecem em mais de uma seção deste artigo, passamos a uma caracterização dos sujeitos que serão mencionados, de modo a que o leitor apreenda seus perfis, suas experiências e suas condições socioespaciais, o que favorece a contextualização de suas narrativas.⁵

Antonieta tem 54 anos, é casada, tem três filhos, dois dos quais já são adultos e estão trabalhando. É professora de ensino fundamental vinculada à prefeitura de Guarulhos, município onde mora, no distrito Pimentas. A família, em que quatro

5 Os nomes dos entrevistados são fictícios, para preservar suas identidades. A gravação das entrevistas foi autorizada por eles, o que nos possibilita transcrever trechos de suas falas.

peessoas trabalham, tem renda mensal de oito mil reais.⁶ Nasceu em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Seu avô era escravo e sua avó portuguesa. Veio para São Paulo quando ela tinha sete anos e já passou a morar no distrito, onde está, portanto, há 47 anos. Sua mãe exercia a função de empregada doméstica em bairro central da metrópole, onde ela também residia durante a semana. Por essa razão, Antonieta estudou em colégios particulares, com apoio da família que empregava sua mãe. Conhece bem a vida do bairro em que reside, morou em diferentes imóveis. Foi candidata a vereadora e teve/tem atuação em várias frentes da vida social e política do Pimentas.

Agnaldo tem 43 anos. Nasceu no Estado da Bahia e migrou para São Paulo em 2002, onde passou a morar no Jardim Vermelhão, uma das áreas que compõem o Pimentas, a qual se caracteriza por resultar de assentamento ilegal de famílias.⁷ Desde então, envolveu-se com movimentos de luta pela moradia, em defesa da conquista das terras do Jardim Vermelhão, cuja propriedade era de outrem. Manteve-se como um dos líderes deste movimento até 2020. Em 2018, por meio do Programa Minha Casa Minha Vida,⁸ seu irmão adquiriu um apartamento, mas como não pôde arcar com despesas de água, luz e condomínio, voltou a viver no Jardim Vermelhão e cedeu seu apartamento para Agnaldo, que é responsável pelo pagamento das mensalidades de aquisição do apartamento no qual reside com a esposa e dois filhos de 18 e 11 anos. Tem curso de técnico em contabilidade e superior em informática. No momento da entrevista, era assessor de vereador, mas pensava em se afastar da vida política para se dedicar ao trabalho de cuidador de idosos.⁹

Ana Lucia, 36 anos, nasceu no Estado da Bahia e com nove anos foi morar em Guarulhos, em Pimentas, inicialmente também no Jardim

⁶ Em junho de 2022, um dólar correspondia a 5,2 reais.

⁷ Segundo informações concedidas pelo entrevistado, havia oficialmente 352 famílias nessa área de ocupação, cadastradas junto à Prefeitura Municipal de Guarulhos, mas efetivamente o aglomerado deve ser composto, atualmente, de 450 a 500 famílias.

⁸ “O Minha Casa, Minha Vida (MCMV) é a maior iniciativa de acesso à casa própria já criada no Brasil. O programa, que mudou a história da habitação do País, prevê diversas formas de atendimento às famílias que necessitam de moradia, considerando a localização do imóvel – na cidade e no campo, renda familiar e valor da unidade habitacional. Além disso, contribui para geração de emprego e renda aos trabalhadores da construção civil.” (Ministério do Desenvolvimento Regional)

⁹ Ao ser perguntado qual era a sua renda, discorreu sobre outro tema. Os pesquisadores que conduziram a entrevista não repetiram a indagação para não constranger o entrevistado, pois pode ser que ele não quisesse oferecer essa informação, tanto quanto pode ser que não tenha entendido a questão.

Vermelhão,¹⁰ o que a levou a ser vice-presidente da associação, na qual atua até hoje como voluntária. Estudou até o Ensino Médio. Seu marido ganha mil e quatrocentos reais mensais. Ela não fez referência aos seus rendimentos como síndica profissional de dois condomínios verticais (um deles é o que ela mora), mas informou que ganha pouco. Mora com o marido e dois filhos, de 7 e 19 anos, num apartamento e tem uma terceira filha que morava com ela, mas agora está em outro imóvel do mesmo condomínio.

Marinalva tem 28 anos. Sua história de vida está associada ao Pimentas, passando por vários loteamentos que compõem este setor da cidade de Guarulhos. Participou, desde o final da adolescência, e continua participando de vários ativismos/movimentos do bairro e no bairro: Pastoral da Juventude, associada à Teoria da Libertação; Cursinho popular fundado por um líder comunitário, professor, que hoje é vereador na cidade pelo Partido dos Trabalhadores, ao qual a entrevistada é filiada; Movimentos de gênero, democracia e justiça, com destaque para Promotoras Legais Populares (PLP). Estudou na Universidade de São Paulo, Campus Zona Leste, único período em que morou fora do Pimentas, para não ter que se deslocar diariamente. Atualmente, reside com os pais, a irmã e um sobrinho, em uma casa alugada, sendo que anteriormente residiam em área de ocupação ilegal no Sítio São Francisco, ainda que neste caso, o imóvel fosse próprio. A renda familiar é de seis mil reais.

Por fim, o perfil de André que tem 19 anos, é estudante universitário, nasceu em Guarulhos e não mora no Pimentas, mas sim no bairro Maia, que têm prestígio social nesta cidade. Seu pai trabalha com vendas para empresa de teleatendimento e sua mãe é arquiteta e tem escritório próprio, localizado em São Paulo. A família ainda é composta por um irmão mais novo que está realizando estágio no exterior. Quando perguntado sobre a renda familiar, André informou que deveria ser dez mil reais por mês, mas, pelas respostas dadas ao conjunto das questões e pela descrição do padrão de consumo geral, constata-se que este total deve ser maior. Embora a família more

¹⁰ Nas trajetórias de vida narradas por nossos entrevistados foi frequente à alusão a terem ido morar no Pimentas, em áreas de ocupação ilegal, e depois terem tido acesso à imóvel próprio, o que mostra, que houve melhoria das condições socioeconômicas, embora a condição periférica tenha remanescido.

Tabela 1

Nome	Idade	Função	Bairro de residência	Tempo em Guarulhos	Tempo no bairro	No. de pessoas da família
Antonietta	54 anos	Professora	Pimentas	47 anos	47 anos	5
Agnaldo	43 anos	Assessor de Vereador	Pimentas	20 anos	20 anos	4
Ana Lucia	36 anos	Síndica profissional	Pimentas	27 anos	27 anos	4
Marinalva	28 anos	Consultora Financeira	Pimentas	24 anos	24 anos	5
André	19 anos	Estudante	Maia	19 anos	8 anos	4

Fonte: Elaboração própria

em bairro pericentral de Guarulhos, parte importante de suas atividades de consumo, incluso lazer, realizam-se na cidade de São Paulo. Para facilitar o reconhecimento dos sujeitos citados nas seções seguintes, reunimos sinteticamente informações sobre eles, no quadro que se segue (tabela 1).

Condição periférica e consumo

A expressão “condição periférica” está presente em obra que trata do devir-periferia do mundo (Canettieri, 2020), sendo, portanto, afeita à compreensão da realidade na escala global, a partir das relações entre os países. Em 2002, Gomes publicou seu livro *A condição urbana*, tomando como referência as cidades, aproximando-se, portanto, da escala geográfica, com a qual trabalhamos neste texto. Chamou atenção para o fato de que fenômenos aparentemente díspares têm um componente comum – a dinâmica espacial – mostrando, por meio de sua reflexão, que a disputa territorial é um elemento estrutural de tais fenômenos.

Mongin (2009), que intitula seu livro com a expressão “condição urbana”, também contribui para expressar o sentido que queremos dar para “condição periférica”, uma vez que parte de ideia que se assemelha à que defendemos, neste texto, de passagem da cidade centro-periférica para aquela em processo de fragmentação socioespacial. Para ele: El modelo de la ciudad europea, concebida como una grande aglomeración que reúne e integra, está em vías de fragilización y de marginalización.

El espacio ciudadano de ayer... pierde terreno a favor de una metropolización que es um fator de dispersión, de fragmentación y de multipolarización (19). Tomando como base essa ideia, o autor considera que a condição urbana deve ser compreendida como uma experiência específica e multidimensional, mas também e, cada vez mais, em segundo sentido, como certa ausência de memória sobre a civilização urbana (Mongin, 2009: 21). Para ele, passamos de um primeiro paradoxo do urbano (um espaço limitado que permite práticas ilimitadas) para um segundo paradoxo (um espaço ilimitado que possibilita práticas limitadas e segmentadas) (24).

A nós, interessa indagar como essa condição urbana é vivida pelos cidadãos que habitam a periferia urbana em período da história urbana em que as transformações são profundas, gerais, mas simultaneamente particulares, quando tomamos como referência a urbanização latino-americana. Assumindo esse ponto de vista, buscamos oferecer uma contribuição à compreensão de como essa condição urbana, revela-se como “condição periférica” para os cidadãos que permanecem habitando em áreas distantes e não suficientemente providas de meios de consumo, sejam públicos, sejam privados, no âmbito de espaços urbanos, neste caso metropolitano, que se reestruturam sob a lógica fragmentária. Nas narrativas registradas em nossas entrevistas, foram inúmeras as referências à falta de comércio e serviços que os moradores do Pimentas vivenciaram nas décadas que se seguiram à implantação dos loteamentos que compõem o bairro: “Lembro muito que, na minha infância, era muito marcante da gente sempre recorrer ao centro da cidade ou ao Distrito de São Miguel Paulista, em São Miguel, para resolver qualquer coisa. Então, aqui não existia banco, havia poucos mercados, [...] também, não tinha hospital, não tinha clínica, então a gente sempre tinha que recorrer a esses outros dois lugares basicamente”. (Marinalva).

Embora o subcentro de São Miguel Paulista, no distrito de mesmo nome, fique no município de São Paulo, o acesso a ele, para os moradores do Pimentas, é melhor do que ao centro de Guarulhos.

A gente visita às vezes São Miguel e o centro de Guarulhos. Quando a gente precisa resolver alguma coisa, vamos para o centro de Guarulhos, [para] São Paulo não, mas [para] o centro de Guarulhos sim. [Vocês vão para São Miguel para que tipo de atividade?] Lá em São Miguel é quando a gente precisa de um banco que às vezes aqui não está atendendo, ir às lojas. Eu costume ir

por causa dos fornecedores, às vezes tem lojas que não tem material, que eu preciso para os condomínios aqui [em Pimentas] e eu vou para lá. Bem mais fácil, São Miguel está mais perto do que [o centro de] Guarulhos. (Ana Lucia)

As divisas municipais não exercem qualquer papel de barreira, no que concerne ao consumo. São fatores como o transporte e os preços dos produtos os que pesam mais. A ausência da oferta de bens e serviços, no Pimentas, como a referência feita por Ana Lucia no que se refere aos bancos, é outro fator que foi citado por muitos entrevistados. Pelos excertos apresentados e pelos que se seguem, o leitor poderá observar como os entrevistados são capazes de elaborar o vai e vem no tempo e no espaço, ao responderem à pergunta feita a eles relativa aos locais onde realizam o consumo de bens semiduráveis e duráveis:¹¹

No Shopping eu vou de vez em quando, mas no shopping eu não vou muito, porque tem que ir para gastar, e nem sempre dá para a gente gastar. [Então, você vai ao centro de Guarulhos?] Eu vou, geralmente no médico ... e para fazer compras de vez em quando, comprar uma roupa, ver alguma coisa, mas eu prefiro ir lá no Brás que é mais barato, as roupas são mais baratas e acessíveis. Às vezes, a gente vai no Bom Retiro, onde meu pai trabalhou de guarda, ele sabe onde tem as lojas mais baratas, onde é o ponto que dá para você comprar melhor sem gastar muito. Eu vou sempre no Bom Retiro e no Brás,¹² aqui em Guarulhos eu vou muito pouco, porque as roupas saem muito mais caras aqui.¹³ (Antonietta)

A fala selecionada mostra conhecimento da metrópole, da disposição de suas áreas comerciais e de serviços, das diferenças entre os preços praticados e expressa que é necessário se deslocar a distâncias maiores para obter produtos a preços mais

11 No que se refere ao consumo de bens não duráveis, especialmente no tocante ao abastecimento alimentar das famílias, os entrevistados, ainda que registrem a ampliação e diversificação da oferta de produtos, não fizeram alusão a grandes dificuldades no passado.

12 Dois bairros pericentrais de São Paulo, com grande concentração de pequenas confecções e comércio que oferece produtos no atacado e no varejo.

13 Todos os negritos que aparecem nas transcrições são feitos por nós e não se referem, necessariamente, a ênfases efetuadas pelos entrevistados.

acessíveis. No geral, os entrevistados tiveram grande capacidade de elaborar suas respostas, movendo-se entre as escalas geográficas em que se configuram suas práticas espaciais. Agnaldo, quando perguntado sobre seus locais de consumo após ter se mudado do Jardim Vermelhão para o apartamento mais bem situado, assim se manifestou:

Então eu saí da parte mais periférica e fiquei no centro [de São Paulo]. Então é mais uma questão de locomoção, ela se ampliou, mas é claro que é a mesma coisa porque eu vou me deslocar por esses caminhos de qualquer forma, se estou na periferia vou ter que passar lá para o centro [de São Paulo], se for acessar o trevo de Bonsucesso. Mas a mudança foi só no sentido que eu fiquei mais próximo do centro do bairro.

Pareceu-nos claro o jogo de escalas que procedeu ao falar “lá para o centro”, o que exige tomar a Rodovia Dutra, pelo trevo de Bonsucesso, distinguindo-o do subcentro do bairro, nomeado por ele como “centrinho”. Ainda que tenha melhorado sua situação geográfica, sua condição periférica remanesce como fator que interfere em suas escolhas espaciais, mas também na construção de sua representação do que é central e do que é periférico, em mais de uma escala geográfica. Quando perguntado sobre os locais onde adquire roupas e calçados, ele explicou: “Roupas nós vamos no centro de Guarulhos, ou para ser mais em conta vamos até o Brás”.

A referência ao centro de Guarulhos não foi a que prevaleceu entre os entrevistados do Pimentas, mas ela ocorreu. Foi menos frequente entre os entrevistados que habitam os bairros de classe média e elite de Guarulhos, possibilitando observar que aqueles que ocupam melhor situação geográfica nesta cidade e melhores condições socioeconômicas deslocam-se para o consumo de bens e serviços em *shopping centers* do próprio município ou nos de São Paulo. O depoimento de André, morador do Maia, é representativo: “...eu não tenho muito esse costume de ir ao calçado, ou andar no centro de Guarulhos, até porque eu não teria muita coisa para fazer. Quando eu preciso de alguma coisa, geralmente eu vou no *shopping*, ou eu vou com os meus pais, porque eu também não tenho carro, ou com os amigos, mas é mais por esses motivos”.

No decorrer de sua entrevista, inúmeras vezes André fez referência a *shopping centers*. Diferentemente dos cidadãos moradores do Pimentas. Para ele, a frequência a estes espaços é grande, inclui o Parque Shopping Maia e o Internacional Shopping Guarulhos, mas também os *shopping centers* de São Paulo: [Sempre no *shopping*?] “Sim, *shopping*! A gente não tem muito costume de ir em loja de rua. Essa é a imagem que as pessoas têm, é um bairro de *playboy*.¹⁴ É, realmente, a gente vai muito pouco em comércio de rua. Minha família sempre teve muitos essa cultura de *shopping*, então assim, “nada pra fazer no final de semana, vou no *shopping*!”. É isso: “Vamos fazer alguma coisa diferente? Vamos no *shopping*.”

Os moradores do Pimentas também frequentam *shopping centers*, mas três aspectos foram prevalentes nesta referência: a frequência é baixa (duas vezes ao ano, no máximo, uma vez ao mês); frequentam mais para olhar as vitrines, passear ou tomar um sorvete; a escolha recai principalmente sobre o Shopping Bonsucesso, localizado na Avenida Juscelino Kubitschek, que é o principal eixo comercial e de serviços do Pimentas. “O Shopping Bonsucesso. Temos um *shopping* aqui no Pimentas. Então na maioria das vezes em que vamos lá é para comer. Vamos para a praça de alimentação, para distrair, como uma forma de lazer... nós já fomos três vezes para o cinema ali. Compras nós não fazemos porque é mais caro, então é mais uma questão de lazer mesmo que nos leva ao *shopping*”. (Agnaldo)

Ainda que a opção pelo Shopping Bonsucesso seja a principal, por se localizar no bairro, ter um mix de lojas mais populares e não exigir, para se ter acesso a ele, que seja transposta a rodovia, houve também entrevistados que fizeram referência a outros espaços deste tipo: “...na região eu vou mais no Internacional e no de Bonsucesso. Por exemplo, a de loja da Claro, [como] meu celular é da Claro, preciso resolver uma coisa do meu plano, vou lá no Shopping Bonsucesso. O Poupatempo¹⁵,

¹⁴ Pareceu fazer alusão à representação que fazem sobre os moradores de seu bairro.

¹⁵ “Trata-se de um programa implantado em 1997 pelo governo do estado de São Paulo para facilitar que a população da região tenha acesso simplificado a informações e serviços públicos. O Poupatempo possui diversos postos de atendimento na Capital e no interior do estado, concentrando seções de órgãos como o Detran (Departamento de Trânsito Estadual), Previdência Social, Polícia Civil, entre outros.” (Paula, 2020). É de se notar que um serviço público

aqui em Guarulhos, agora dentro do Shopping Internacional. Vou no Internacional. Então mais para esse tipo de situação assim, fora isso... raramente vou no *shopping*". O Internacional é um *shopping center* de localização pericentral e de mix de lojas que se voltam mais à classe média.

Centralidade e consumo

Há no Brasil, 620 *shopping centers* em operação, dos quais 190 no Estado de São Paulo.¹⁶ Desde que foi inaugurado o Iguatemi Shopping Center, em 1966,¹⁷ a metrópole de São Paulo conheceu um crescimento exponencial desse tipo de espaço comercial e de serviços. Embora as fontes diverjam sobre o número de *shopping centers*, conforme o critério tomado como referência, somente na capital, eles devem ser 49, além de outros 19, nos demais municípios da região metropolitana, entre eles Guarulhos.¹⁸ Não sem razão, Pintaudi (1989) intitulou sua tese de doutorado "O templo da mercadoria - estudo sobre os *shoppings centers* do estado de São Paulo" (página), a partir de metáfora que designa o papel central que esses espaços têm na sociedade brasileira. Ainda que se possa afirmar que os segmentos de maior poder aquisitivo têm preferência por estes grandes espaços comerciais e de serviços, quando se trata de consumo e, inclusive, de lazer, atualmente esses empreendimentos estão de tal forma presentes na vida urbana que é possível se considerar que há *shopping center* para várias faixas de consumo em cidades de diferentes portes.¹⁹

A fala de André é emblemática no que se refere às preferências da classe média que mora em Guarulhos pelos *shopping centers*:

seja oferecido num *shopping center*, mas essa prática vem se tornando frequente quando se trata de shopping centers que desejam atrair também os segmentos de médio baixo poder aquisitivo.

16 Dados da Associação Brasileira de Shopping Centers (ABRASCE) que são bem abrangentes, mas não correspondem à totalidade de espaços deste tipo, uma vez que eles compilam informações apenas sobre seus associados.

17 Para conhecer melhor a análise do processo ver Pintaudi e Frugoli Jr. (1992).

18 Para que leitor perceba com os dados variam conforme a fonte e o critério, o Parque Shopping Maia não está compreendido neste total.

19 O Estudo de mercado: Strip malls 2018 realizado pela ABRASCE faz referência à seguinte distribuição: 44,8% dos shopping centers estão em cidades de mais de um milhão de habitantes; 9,2% nas que estão entre 500 mil e um milhão de habitantes e 40,2% nas que correspondem ao intervalo de 100 mil a 500 mil habitantes.

tem uma diferença: os meus pais geralmente compram em lojas de São Paulo, a minha mãe gosta de ir em lojas assim... Shoulder, Animale, é o tipo de loja que ela compra as roupas dela. Eu, geralmente compro minhas coisas, ou na Renner, ou na Youcom, são marcas que têm mais o meu estilo...e geralmente eu vou aqui em shopping de Guarulhos mesmo, não vou para São Paulo [...] eu vou na Renner aqui do Shopping Maia mesmo [...]. Se você quer fazer alguma coisa diferente, você vai para São Paulo, [quando mora] aqui em Guarulhos. Mais ou menos isso que eu falei, quando a gente quer ir a um *shopping*, num restaurante, num cinema, a minha família sempre vai para São Paulo, a gente sempre vai pra São Paulo, para fazer essas coisas.

É notório o peso que têm as marcas nas escolhas espaciais feitas pelos consumidores. Há maior presença delas em *shopping centers* do que em lojas de rua, bem como as de maior preço, como a Animale, citada pelo entrevistado, têm suas unidades de vendas em setores de maior prestígio e onde se concentra população de maior poder aquisitivo, levando o consumidor que mora em outras cidades da região metropolitana a se deslocar para ter acesso a elas.²⁰ Neste caso, então, a centralidade é constituída e vivida na escala metropolitana e é fortemente orientada pela constituição de um sistema de objetos (Baudrillard, 2019), no qual, a nosso ver, o espaço tem papel fundamental, como ambiente em que o consumo se efetiva. A Figura 3 oferece alguns elementos para o leitor observar o tipo de consumo e de consumidor a que se destina essa grife.

As marcas não são as mesmas para todos os moradores de Guarulhos, mas é importante notar que, para os mais pobres, a presença delas é vista como parte do processo de melhoria do Pimentas. Marinalva, fazendo referência a alguns condomínios de edifícios que foram mais recentemente construídos no bairro relatou o interesse pela chegada, no bairro, de algumas redes de *fast food* associando esse tipo de consumo, ao maior prestígio de morar num condomínio fechado, na periferia metropolitana:

²⁰ A grife Animale tem três lojas exclusivas na região metropolitana de São Paulo: Moema (bairro da zona sul onde se localiza o Shopping Center Ibirapuera); Barueri (onde há a maior concentração de espaços residenciais fechados da região metropolitana de São Paulo) e São Caetano do Sul (município desta região com renda per capita elevada). Além destas três unidades, há mais duas, situadas em Campinas e Ribeirão Preto. Há produtos dessa marca em outras lojas.

Burger King na frente do condomínio [...] roubaram o maquinário dentro do Burguer King, antes dele inaugurar, e aí isso causou atraso na inauguração. E os adolescentes do condomínio, eles começaram a organizar uma manifestação [risos] para que o atraso da inauguração do Burger King não ocorresse. [...]. Mesmo sendo uma região de periferia, você encontra ali umas desigualdades, não é? que você acha que não vai encontrar. [...]. Mas, não está todo mundo assim no mesmo nível socioeconômico [...] [Há] uma galera que mora no condomínio fechado aqui no Pimentas, que é um condomínio de classe média baixa [...] Como presente o Burger King chegou; como também o McDonald's, que não tinha, chegou; tem aquela franquias Madero também. Então é uma galera, que eu acho que, vive dentro do condomínio e acessa os outros, esses outros espaços assim, principalmente para o lazer, não é? Que são espaços privados também, tem muito a questão das pessoas verem o shopping que tem aqui, o Shopping Bonsucesso, como rolê que tem no bairro não é? [...] Então é uma galera, que eu acho que não vive o bairro. [...]

Figura 3

Interior de uma das lojas da grife Animale



Fonte: Imagem extraída do site Galeria da Arquitetura

O excerto mostra, por meio da narrativa elaborada pela entrevistada, que as desigualdades no bairro estão presentes, o que contribui para desconstruirmos a ideia de periferia ou de “condição periférica” associada à homogeneidade. Ademais, essas desigualdades são elaboradas por seus moradores, como hierarquia, que se constitui como diferenciação socioespacial, neste caso, associada tanto a residir em condomínio num bairro pobre da periferia metropolitana, como a consumir em estabelecimentos de *fast foods* cujas marcas são internacionais (Burger King e McDonald’s) e nacional (Madero).

A frequência aos *shopping centers*, embora não seja grande, como destacado, ocorre e se vincula, muitas vezes, ao desejo de conhecer os locais “bacanas” da metrópole.

Vamos ao Shopping Internacional de Guarulhos, ou de Itaquera, que é um *shopping* que nós gostamos muito de ir, próximo da estação do metrô. *Shopping* de Itaquera. Já fomos antes, mas bem antes, naqueles de São Paulo, que é aquela ideia de *tour* na cidade, então já fomos naqueles ali próximos do Rio Pinheiros, um *shopping* que tem lá, bacana, mas só para conhecer as estruturas desses locais. Mas o *shopping* que frequentamos mesmo é aqui o Bonsucesso, que fica ao lado da nossa residência.
(Agnaldo)

No bloco das questões associadas ao lazer foram frequentes respostas de que faltam parques e praças em Pimentas e os poucos que existem não estão bem conservados. Face ao processo de produção do espaço urbano, muitas vezes resultante da apropriação ilegal de terras e/ou da não observação da legislação urbana que postula aspectos importantes para a vida pública, como largura das ruas e calçadas, presença de áreas para lazer e proteção ambiental, os moradores são unânimes em afirmar que não há muito aonde ir no bairro. Por isso, em grande parte, além do valor simbólico que os *shopping centers* têm na vida social urbana brasileira, há que se considerar que para muitos, que vivem sob condição periférica, ir a estes espaços é sinônimo de lazer. Quando Ana Lucia, afirmou que ia eventualmente ao Shopping Bonsucesso para comprar algumas coisas, foi perguntado se ela também ia para o lazer: “Às vezes sim, às vezes eu vou. [O que você acha que é lazer?] Andar, levar meu filho para brincar, tomar um sorvete, comer um lanche, olhar as lojas, mesmo que eu não posso comprar, mas a gente pode olhar que é de graça. Nós vamos fazer isso”.

Moati (2018: 118) considera que as atividades realizadas no tempo do lazer revelam, em teoria, autonomia, liberdade do que fazer ou não fazer, bem como têm um papel grande no sentimento de felicidade que as pessoas têm, concorrendo para seu bem-estar subjetivo. O autor toma como referência a realidade francesa e nos faz refletir sobre esse plano de realização quando analisamos as narrativas de nossos entrevistados. A maior parte dentre eles fez referência a pouco tempo destinado ao lazer, às dificuldades de se deslocar, de ter acesso aos espaços mais bem servidos de vida cultural, de oportunidades para os esportes ou para encontrar amigos. Em muitas das entrevistas, a referência às áreas mais centrais da metrópole foi feita como uma opção para os moradores da periferia:

Então eu acho que nesse aspecto, principalmente cultural ou de lazer assim, tem poucas opções no bairro, mas também na cidade [fazendo referência a Guarulhos], e eu acho que além da gente ter essa dependência, no geral de São Paulo para trabalho, acho que, pessoalmente, nessa área [cultura e lazer] a gente é muito mais dependente, porque fora esses encontros que eu tenho aqui no bairro com os amigos, quando eu quero fazer alguma coisa geralmente eu vou para São Paulo. (Marinalva)

A constituição da centralidade na metrópole de São Paulo, que conceituamos como uma poli(multi)centralidade (Sposito, 1999 e 2013; Salgueiro e Sposito, 2018) é muito bem elaborada pelos entrevistados que conseguem se aproximar bastante, ao fazerem seus relatos, das ideias de central, pericentral, subcentral etc.

[E o centro de São Paulo? O que é o centro de São Paulo para você?] Para mim seria a Praça da Sé, seria a [Rua] São Bento, mais ou menos por ali, Praça da Sé, São Bento, Praça da República.²¹ Avenida Angélica, tudo ali para mim é o centro. [O Brás você não considera o centro de São Paulo?] Não, não considero, considero um bairro de São Paulo. (Antonieta)

A Juscelino Kubitschek evoluiu muito em questão de lojas, bancos, mercados. A Juscelino já está virando o centro do Pimentas. (Ana Lucia)

21 As três praças citadas estão localizadas no core do centro principal de São Paulo.

A Praça da Sé, a Rua São Bento e a Praça da República são referências importantes do centro principal de São Paulo, constituído no decorrer dos séculos, ainda quando a cidade era monocêntrica e, na sequência, a partir da formação de subcentros, quando se tornou multicêntrica. O aparecimento de *shopping centers*, como já citado, a partir dos anos de 1960, tornou essa centralidade mais complexa, expressa em termos de maior separação socioespacial dos consumidores, razão pela qual atribui-se o prefixo poli, que significa vários. Do ponto de vista conceitual, a área comercial e de serviços do Pimentas, seria um subcentro, tanto no que se refere ao município de Guarulhos, como na escala metropolitana. No entanto, Ana Lucia, ao fazer referência ao “centro do Pimentas”, convida à análise do processo de ressignificação da periferia por seus moradores, o que apresentamos de forma introdutória na próxima seção deste artigo.

O centro também está na periferia

Pimentas, como já destacado, caracteriza-se duplamente por ser periférico, pois ocupa essa situação geográfica em relação ao centro de Guarulhos e ao centro da metrópole de São Paulo que articula não apenas a vida econômica e social da capital, como de toda a região metropolitana.

É uma coisa assim interessante de falar sobre Pimentas, aqui por mais que seja uma região da periferia, tem a periferia da periferia, não é? Porque... parece que teve uma ascensão de uma classe média baixa, então isso também é, acho que, deixa evidente algumas desigualdades nessa região, sem precisar falar do centro da cidade. Tem um bairro específico que é um bairro que faz fronteira com a região de Itaim Paulista, ... e lá lembra de uma comunidade, [chamada] Vila Laurita... ficava bem na beira de um rio e as casas eram acho que de madeirite... então é uma realidade que presente mais nas margens do bairro. (Marinalva)

PelotrechodaentrevistadeMarinalvaépossívelperceberque,seolhamospara o Pimentas a partir do centro de São Paulo, uma primeira representação que se pode elaborar sobre a periferia urbana levaria a uma visão homogênea que a realização de nossa pesquisa possibilita desconstruir, tanto pelas falas dos cidadãos que entrevistamos como

pelos trabalhos de campo realizados. A apreensão de um espaço relativamente heterogêneo do ponto de vista social (divisão social do espaço) complementa-se com a constatação de sua diversidade funcional (divisão econômica do espaço), uma vez que, nas primeiras décadas de implantação dos loteamentos que compõem o bairro, eram notórias a ausência de espaços destinados ao consumo de bens e as dificuldades de acesso de serviços fossem públicos, fossem privados; atualmente, a concentração demográfica e a relativa melhoria do poder de compra dos segmentos mais pobres na primeira década do século xx levaram à ampliação importante do número de estabelecimentos comerciais e de serviços, o que acentua a percepção dos moradores acerca das desigualdades socioespaciais no bairro e da distribuição também desigual dos meios de consumo:

Agora eu vou te falar, o que melhorou foi que aqui nós temos próximo o *shopping*, mercado, lojas, banco, porque lá no Vermelhão não tem isso, é tudo longe, mas aqui nós estamos ao lado da Juscelino Kubitschek. Então, aqui é bem melhor, a locomoção também é melhor porque a gente tem o Terminal Pimentas [transporte coletivo] aqui, lá no Vermelhão não tinha. Tiveram algumas mudanças que a população se uniu e conseguiu levar alguns pontos de ônibus em alguns lugares de lá, mesmo assim ainda tem certa dificuldade. (Ana Lucia)

Nas narrativas registradas, a ideia de centro está fortemente associada à presença do comércio, o que não se distingue do próprio conceito de centro com o qual trabalhamos em várias áreas de conhecimento, especialmente na Geografia. Entretanto, como, no caso brasileiro, o que se pode estender para a América Latina, a periferia é marcada pela ausência ou ineficiência de meios de consumo coletivo, tanto quanto de acesso ao consumo de bens e serviços, muitas vezes até mesmo aos de abastecimento mais cotidiano. À medida em que há uma melhoria nessa provisão, estabelece-se uma identidade entre centro e periferia, pois se compreende que, havendo algum comércio, aquele espaço é, em alguma medida, central. Respondendo à nossa pergunta do que outros pensam sobre seu bairro, Antonieta explica:

Ah, o pessoal aqui nesse bairro tem a mania de falar: ‘Eu vou lá no centro de Guarulhos’, como se aqui não fosse Guarulhos. Eu falei: ‘Não, é que vocês não

entendem a posição’. Eu também, de vez em quando, falo: ‘Eu vou lá no centro de Guarulhos’, porque antigamente nada se tinha aqui no bairro. Aqui não era considerado um bairro dentro de Guarulhos, era um lugar largado: o mercado, a farmácia, tudo o que tinha era no centro [de Guarulhos]. Então as pessoas tinham que sair da periferia, pegar um ônibus, fazer uma viagem, de mais ou menos quarenta minutos, para conseguir chegar no centro, para ir ao mercado, farmácia, comprar roupa. Tudo era para lá, não tinha nada aqui. Agora tem aqui, mas as pessoas, às vezes, no vício de falar acabam dizendo que vão ao centro.

Em função de sua escolaridade e de sua vivência, Antonieta demonstrou, no decorrer da entrevista, saber o que é a periferia, mas ao mesmo tempo sua fala denota que a ausência de estabelecimentos comerciais e de serviços, fazia com que o bairro nem se sentisse parte da própria cidade. Foram as mudanças recentes, decorrentes da chegada de estabelecimentos comerciais e de serviços, que teriam oferecido melhores condições que, por existirem, levam a identificar a periferia com o próprio centro. Em Pimentas, a centralidade apareceu fortemente associada à implantação de equipamentos públicos. Como o bairro desenvolveu-se por algumas décadas sem que houvesse efetivamente meios de consumo coletivo adequados, a chegada de alguns deles associou-se também à conformação de uma centralidade e a processo de “valorização”, como destacou Agnaldo:

Nós temos a Unifesp,²² nós temos o Hospital Pimentas, nós temos lá o Terminal Rodoviário, temos o Ceagesp,²³ que é do lado, temos a Rodovia Presidente Dutra, que você em cinco minutos já está na rodovia, e ali no trevo do Bonsucesso. Ali é o centrinho do Pimentas, que é o eixo da avenida Juscelino Kubitschek. [...] E tem vários condomínios que foram construídos ali no entorno, que lá nós temos três condomínios do Minha Casa Minha Vida e, do lado desses

22 Campus da Universidade Federal de São Paulo, implantado para oferecer ensino superior público à população de Guarulhos, tendo sido o bairro Pimentas escolhido para melhorar as condições de acesso à universidade a seus moradores.

23 É uma unidade da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo, que comercializa hortifrutigranjeiros no atacado.

condomínios, foram construídos outros condomínios da MRV.²⁴ Você vê como o local tem um valor imobiliário grande, então construíram-se os prédios do Minha Casa Minha Vida, mas também se construíram os prédios da MRV.²⁵

Esse trecho mostra que o entrevistado chamou de “centrinho de Pimentas”, o que se pode considerar com um subcentro comercial e de serviços, cuja representação de centralidade está fortemente associada aos investimentos públicos de grande porte que foram feitos no bairro. Foram esses os citados, ainda que o eixo a que se refere – a Avenida Juscelino Kubitschek – seja uma área de grande concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços, alguns de capital local, outros pertencentes a grandes redes nacionais.²⁶ Ele foi capaz de descrever com detalhes as razões pelas quais reconhece esse centrinho, ou o que se conceituaria com uma centralidade periférica:

... então ele fica na Juscelino e na Av. Jurema, são as principais avenidas do Pimentas e onde se concentram maior número de lojas de comércio. Na Juscelino nós temos terminal de ônibus, temos o Ceagesp, que é onde tem o abastecimento de alimentos da cidade de Guarulhos, e nós temos o Hospital Pimentas Bonsucesso, que possui equipamentos de grande porte e fica ali no centro. Mas é referência a Av. Juscelino Kubitschek e a Av. Jurema.

Por outro lado, o mesmo Agnaldo, ao ser convidado a descrever o que considerava como o centro de Guarulhos, assim se manifestou:

A referência seria a rodovia, Presidente Dutra [...] então quando se fala em Guarulhos a maior referência é o Aeroporto Internacional de Cumbica, nossa maior referência, em termos de Brasil e internacionalmente. Tem a rodovia Presidente Dutra que corta a cidade. Então para você se deslocar para o centro vai ter que passar na Rodovia Presidente Dutra.

²⁴ Construtora de grande capital que recentemente cresceu mais ainda com a produção imobiliária de finalidade social, com recursos do programa MCMV.

²⁵ Igualmente construídos com recursos do MCMV, mas nas faixas 2 e 3, enquanto os primeiros, aos quais o entrevistado faz referência, eram da faixa 1 e destinados às famílias mais pobres.

²⁶ A associação entre consumo e direito à cidade está desenvolvida em Goes et al., (2019).

Nos excertos, ele reconhece a centralidade de Guarulhos em múltiplas escalas geográficas: no plano nacional e internacional, por meio do aeroporto; no plano municipal, com a referência ao centro de Guarulhos, distante e separado do Pimentas pela rodovia. A narrativa de Agnaldo expressa de modo adequado como o bairro se encontra na periferia metropolitana, no processo de constituição de um subcentro municipal, como indicaram Cruz e Legroux (2021).

A ideia de que na periferia também há centralidade foi observada nas falas de vários entrevistados, sendo que, em algumas situações, isso ocorreu como construção de uma identidade periférica, revelando a subjetividade que está embutida nessa elaboração:

Porque eu lembro assim, que foi muito marcante na minha adolescência, na época da escola, que eu não sei, não me encaixava assim nos grupos, tinha poucos amigos e tudo mais. E aí eu lembro que depois, eu passei a frequentar a igreja... E na Pastoral da Juventude, especialmente [...] eu comecei a construir coisas com pessoas que eu fui me identificando muito. [...] Quando eu cheguei no cursinho, é no cursinho acho que isso foi muito potencializado, nessa questão de a gente usar o conhecimento que a gente estava adquirindo ali, mais para tentar transformar ali... pelo menos intervir na nossa realidade. E aí a partir do cursinho, especialmente, eu comecei a me envolver em uma série de espaços ... fazer uma série de parcerias e amizades, que tem muita essa questão da identificação, acho que... saindo da periferia e entrando numa universidade pública, acho que [houve] um choque de realidade e quando eu sentava com os meus amigos que passaram pelo cursinho também e estavam na universidade, eu acho que era assim um alívio sabe!? [...] “Nossa gente o que está acontecendo aqui?” [...] “De onde gente saiu, não é?” Desse lugar! Então eu acho que é realmente uma questão mais de identificação.

É o lugar de onde eu saí, não é? Sempre vou ter ... meus pais estão aqui, parte da minha família está aqui, muitas das minhas amizades estão aqui. Então é um lugar, que acho que vou levar no coração, independente de onde eu for. Sem assim romantizar todas essas questões, essas insuficiências que acho que a gente enfrenta aqui no dia a dia.

[...]

Acho que, como eu falei, tem essa questão com o Pimentas, não é? Um sentimento de pertencimento assim. (Marinalva)

Algumas conclusões: Periferia, consumo e centralidade

Neste artigo, procuramos trabalhar com três perspectivas que nos pareceram importantes para analisar como cidadãos da periferia da metrópole de São Paulo vivem e compreendem as relações entre comércio e consumo, constituindo, assim, a centralidade urbana em várias escalas geográficas. Primeiramente, enfocando as articulações entre a condição periférica vivida por eles e o consumo, as narrativas dos cidadãos entrevistados mostraram o quanto são significativas as dificuldades de acesso a setores comerciais e de serviços bem equipados, com oferta de mercadorias a preços baixos. No processo de superar essas dificuldades, eles ultrapassam os limites municipais à procura de estabelecimentos comerciais e de serviços no município de São Paulo, que nucleia a área metropolitana. Em busca de melhores preços e tempo menor de deslocamento, realizam movimentos de vai e vem mostrando que a condição periférica que vivenciam denota o conhecimento que têm do espaço metropolitano.

As articulações intrínsecas entre constituição da centralidade e consumo compuseram uma segunda perspectiva analítica, segundo a qual há clara distinção e até oposição entre as funções, os conteúdos e os sentidos dados ao subcentro do Pimentas e aos *shopping centers*, tanto o de Bonsucesso, localizado no distrito, como outros de Guarulhos e do município de São Paulo. A distinção socioespacial entre os entrevistados revelou-se tanto por meio de escolhas espaciais diferentes quando são observadas as opções feitas por diversas classes sociais, como por intermédio das marcas que se associam a diferentes espaços, revelando na escala local o interesse por alcançar as demais escalas geográficas. Os que possuem melhores condições socioeconômicas frequentam *shopping centers*: os mais ricos optam pelos do centro da metrópole, os outros pelos localizados no município de Guarulhos. Os mais pobres buscam o comércio de rua, seja no subcentro do Pimentas seja no município de São Paulo. Estes consideram os *shopping centers* como lugares caros, mas os vislumbram como espaços de lazer, para onde se dirigem, ainda que com menor frequência, fundamentalmente para passear.

Por fim, uma terceira perspectiva emergiu, no decorrer da pesquisa, mostrando que, no plano subjetivo, expresso nas narrativas dos entrevistados, a periferia também pode ser vista como centro. Revelaram, em suas falas, uma clara associação entre presença de comércio, centro e cidade. Denotaram que, no início da ocupação do bairro, a baixa oportunidade de consumo de bens e serviços, na escala local, levava

à elaboração da ideia de que não se sentiam, sequer, na cidade. Foi a formação do subcentro, com a abertura de vários estabelecimentos e a chegada de equipamentos e serviços públicos que os levou a considerar que, agora, também há centro na periferia. Nesse movimento histórico de se perceberem como sujeitos de suas histórias, cientes da condição periférica a que estão submetidos, sobretudo os mais jovens vêm construindo uma identidade periférica.

Cada uma dessas três perspectivas poderia nuclear novas análises mais aprofundadas ou poderia ter sido melhor esquadrihada neste artigo. Em direção oposta, a nossa opção por trabalhar com as três, ainda que de modo sintético, teve dois sentidos principais: um primeiro associado ao interesse de mostrar as dinâmicas que apareceram com maior evidência nas entrevistas feitas, expressando a pluralidade de aspectos, alguns muito objetivos e outros muito menos, que incidem sobre as escolhas espaciais associadas ao consumo dos cidadãos que moram na periferia metropolitana; um segundo sentido está diretamente ligado às relações que há entre essas três perspectivas, uma vez que, tanto na análise como nas falas dos entrevistados, eles se revelaram estreitamente articulados entre si, recomendando desse modo que a análise não fosse compartimentada, mas que fosse oferecida a opção de estabelecimento de nexos entre elas.

Referências bibliográficas

- ANIMALE. “Encontrar la loja mais próxima”. *Animale*, Lojas. Consultado em 3 de outubro de 2022 de <https://www.animale.com.br/nossas-lojas>.
- ASCHER, François. (1995). *Metápolis ou l’avenir des villes*. Odile Jacob.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SHOPPING CENTERS. (2018). “Estudo de mercado: Strip malls 2018” (em linha). *Abrasce. Associação Brasileira de Shopping Centers*, Números do setor, Publicações de Pesquisas. Consultado em 3 de outubro de 2022 de <https://abrasce.com.br/numeros/publicacoes-de-pesquisas/>.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SHOPPING CENTERS. (s.d). “Números Regionais” (em linha). *Abrasce. Associação Brasileira de Shopping Centers*, Números do setor. Consultado em 10 de junho de 2022 de <https://abrasce.com.br/numeros/regionais/>.
- BAUDRILLARD, Jean. (2019). *O sistema de objetos*. Perspectiva.

- BONDUKI, Nabil; ROLNIK, Raquel. (1982). “Periferia da Grande São Paulo: Reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho”. Em Erminia Maricato (Org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial* (pp.117-154). Alfa-Omega.
- CAMPOS, Daniel Carlos de; OLIVEIRA, Elton Soares de; FERREIRA, José Abílio. (2014). *Revelando a História dos Pimentas e Região: Nossa Cidade, Nossas Bairros!* Noovha América.
- CANETTIERI, Thiago. (2020). *A condição periférica*. Consequência.
- CAPRON, Guénola; GONZÁLEZ ARELLANO, Salomón. (2006). “Las escalas de la segregación y de la fragmentación Urbana”. *TRACE. Procesos Mexicanos y Centroamericanos*, (49), 65-75. <http://dx.doi.org/10.22134/trace.49.2006.469>.
- CRUZ, Taís Souza da; LEGROUX, Jean. (2021). Caracterização socioespacial dos Pimentas (Guarulhos-SP): Entre a periferia metropolitana e o subcentro municipal. Em *Anais: XXI Semana de Geografia da FCT/UNESP. Outras geografias e [a]diversidades experiências e potencialidades* (pp. 706-727). UNESP.
- CRUZ, Taís Souza da. (2022). *Pimentas na periferia metropolitana: reflexões acerca do estigma territorial e de suas contradições*. (Tese de bacharelado, Universidade Estadual Paulista, Brasil). Consultado em 30 de setembro de 2022 de <http://hdl.handle.net/11449/234643>.
- DUHAU, Emilio; GIGLIA, Angela. (2016). *Metrópoli, espacio público y consumo*. Fondo de Cultura Económica.
- GOES, Eda Maria; CATALÃO, Igor; MAGRINI, Angélica Maria de Oliveira; FURINI, Luciano Antonio; CATELAN, Márcio José Verissimo; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (2019). *Consumo, Crédito e Direito à Cidade*. Appris.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. (2002). *A condição urbana. Ensaio de geopolítica da cidade*. Bertrand Brasil.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (2021). “Estimativas da População” (em linha). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Consultado em 3 de outubro de 2022 de <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>.
- LIPOVETSKY, Gilles. (2006). *Le bonheur paradoxal. Essai sur la société d’hyperconsommation*. Gallimard.

- MCA STUDIO. (s.f). “Animale” (em linha). *Galeria da Arquitetura*, Projeto. Consultado em 3 de outubro de 2022 de <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/slideshow/newslideshow.aspx?show=Carrorell&idProject=1485&index=0>.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL. (s.d). “Minha Casa, Minha Vida” (em linha). *gov.br, Habitação*. Consultado em 3 de outubro de 2022 de <https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/habitacao/minha-casa-minha-vida>.
- MOATI, Philippe. (2016). *La société malade de l’hyperconsommation*. Odile Jacob.
- MOATI, Philippe. (2018). *(Dé)penser la consommation*. Éditions Mangement & Société
- MONGIN, Olivier. (2009). *A condição urbana: A cidade na era da globalização*. (Letícia Martins de Andrade, Trad.). Estação Liberdade.
- NAVEZ-BOUCHANINE, Françoise (Dir.). (2002). *La fragmentation en question: Des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale?* L’Harmattan.
- PAULA, Luci de. (2020). “Poupatempo – O que é? Para que serve? Onde fica?” (em linha). *Direitos*. Consultado em 3 de outubro de 2022 de <https://www.direito2.com.br/o-que-e-poupatempo/>.
- PINTAUDI, Silvana Maria. (1989). *O templo da mercadoria: estudo sobre os shopping-centers do Estado de São Paulo*. (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Brasil). Consultado em 5 de dezembro de 2022 de <https://doi.org/10.11606/T.8.1990.tde-22102021-225858>.
- PINTAUDI, SILVANA MARIA; FRÚGOLI JR., Heitor. (1992). *Shopping Centers. Espaço, Cultura e Modernidade Nas Cidades Brasileiras*. Editora da UNESP.
- POPULAÇÃO. (s.d). “População Pimentas - Guarulhos” (em linha). *População. O maior portal sobre população brasileira*. Consultado em 3 de outubro de 2022 de https://populacao.net.br/populacao-pimentas_guarulhos_sp.html.
- PRÉVÔT SCHAPITA, Marie-France. (2001). “Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades”. *Perfiles Latino-americanos*, 9(19), 33-56.
- SALGUEIRO, Teresa Barata.; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (2018). Do centro às centralidades múltiplas. Novos tempos, espaços e perspectivas. Em Maria Encarnação Beltrão Sposito y José Alberto Rio Fernandes. (Orgs.). *Brasil e Portugal vistos desde as cidades: As cidades vistas desde o seu centro*. (pp. 47-88). Cultura Acadêmica.

- SP. SEM SEGREDOS. (s.d). “Shoppings Centers na Grande São Paulo” (em linha). *SP. Sem Segredos*. Recuperado el 3 de octubre de 2022 de <https://emsampa.com/shoppings.htm>.
- SPOSITO, Eliseu Savério, SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (2020). “Fragmentação socioespacial”. *Mercator*, 19, e19015. <https://doi.org/10.4215/rm2020.e19015>.
- SPOSITO, Encarnação Beltrão. (1999). “Multi(poly)centralité urbaine”. Em André Fischer y Jacques Malezieux (Dirs.). *Industrie et Aménagement* (pp. 259-286). L’Harmattan.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (2013). “Segregação socioespacial e centralidade urbana”. Em Pedro de Almeida Vasconcelos, Roberto Lobato Corrêa y Silvana Maria Pintaudi. (Orgs.). *A cidade contemporânea. Segregação Espacial*. (pp. 61-93). Contexto.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. (2013). *Espaços fechados e cidades: Insegurança urbana e fragmentação socioespacial*. Editora Unesp.